

Resenha: Existencialismo Feminista, Biopolítica, e Fenomenologia Crítica em tempos de má saúde

Feminist Existencialism, Biopolitics, and Critical Phenomenology in a time of bad health

Welsh, Talia. *Feminist Existentialism, Biopolitics, and Critical Phenomenology in a Time of Bad Health*. Londres: Routledge, 2022.

Mayara Sebinelli Martins

Mestra em Ciências Sociais e Humanas Aplicadas, Universidade de Campinas, Limeira, SP, Brasil
mayarasebinelli@gmail.com

A discussão trazida por Talia Welsh, Professora do departamento de Filosofia e Religião da Universidade do Tennessee, em seu mais recente livro (ainda sem tradução no Brasil) é bastante atual, necessária e de grande ousadia: como debater o que é – ou não – saúde e doença em meio à pandemia de Covid-19 a partir de uma perspectiva filosófica? Em um momento em que a filosofia parecia não pertencer ao debate público, Welsh ousa pôr o sistema de saúde estadunidense sob outra perspectiva, olhando-o a partir do existencialismo feminista, da biopolítica e da fenomenologia crítica.

Ela abre o livro com um capítulo dedicado a expor a situação dos *health insurances* (similar aos planos de saúde no contexto brasileiro) nos Estados Unidos, mostrando como se dão as dinâmicas de acesso aos tratamentos e acompanhamentos médicos no país. A autora detém especial atenção ao plano popularmente conhecido como Obamacare, instituído durante o governo do ex-presidente Barack Obama, que se tornou um marco da saúde estadunidense justamente por tentar combater os abusos das seguradoras de saúde, entre eles o de não aceitar assegurar pessoas com condições de saúde preexistentes.

Welsh navega pelas contradições dessa política de Obama, mostrando como, ao mesmo tempo, esse plano facilitou o acesso a grupos antes excluídos dos atendimentos de saúde, mas, também, como a própria política de inclusão ainda permitia a taxa extra em algumas condições como a de hábitos considerados nocivos à saúde, que colocariam esses usuários dos seguros de saúde como predispostos a desenvolverem certas doenças de alto custo de tratamento. Essas taxas extras, como coloca a autora, ainda penalizam aqueles que não são vistos como saudáveis, perpetuando a lógica punitivista anterior, mas sob nova roupagem.

Aqui, a filósofa começa a abrir caminho para chegar àquilo que, para mim, trona-se o coração do texto. Ela parte das três situações mais simbólicas dessas taxações: fumantes, alcóolatras e obesos. Olhando para extensos estudos, Welsh mostra como a literatura atual compreende esses hábitos, começando com o tabagismo, aquele com a maior comprovação de implicação direta no desenvolvimento de doenças, seguido do alcoolismo, em que essas relações começam a se tornar mais complexas, abrangentes, indiretas e fracas, contando com dados desde a violência doméstica, por exemplo, até os benefícios de certas doses de álcool em determinados organismos, e, finalmente, chegando à obesidade, cuja implicação no aparecimento de doenças é o mais disperso de todos, especialmente enquanto fator isolado, e que é o único dos três que não trata de um hábito, mas se uma existência corpórea. Justamente por se tratar de uma corporeidade, é que a autora se detém a adentrar mais profundamente as questões que circundam o tema do sobrepeso e da obesidade.

Os estudos sobre obesidade e sobrepeso apontam, por exemplo, a ineficácia das dietas e como elas causam diversos malefícios aos corpos das pessoas, especialmente com a flutuação de peso e os transtornos alimentares. Além disso, em doenças comumente associadas à obesidade e ao sobrepeso, sabe-se que fatores de muito maior impacto são os níveis de estresse, por exemplo, que se torna invisível diante da “grande ameaça” do corpo gordo, vilanizado como a pior epidemia dos Estados Unidos nesse século.

Essas questões trazidas, somadas ao contexto estadunidense de acesso à saúde – lê-se: a inexistência de um sistema público de saúde e a vinculação do acesso aos seguros à condição de estar empregado, colocando nas mãos da iniciativa privada todo o funcionamento médico do país – geram aquilo que Welsh chamará de *good health imperative* (ou imperativo da boa saúde, em tradução livre). Com o intuito de diminuir taxas de seguro pagas pelas empresas, criam-se isenções e outros tipos de incentivos financeiros para que os empregadores promovam “práticas de boa saúde” para seus funcionários, com o oferecimento, por exemplo, de atividades físicas e outras práticas de “bem-estar”.

No imperativo da boa saúde, o objetivo da sua existência deve ser levar a vida mais saudável possível, se alimentando bem, praticando exercícios físicos, mantendo-se magro, e buscando o “bem-estar” a qualquer custo, além de lembrar-se, é claro, de que sempre há espaço para melhorar, para buscar ainda mais saúde, afinal de contas, quem é que vai se negar a ser saudável e escolher ser doente? Cria-se, então, um imperativo que também – e especialmente –

é *moral*, e que individualiza toda a responsabilidade pela busca de saúde. Sua falha em adquirir hábitos saudáveis torna-se uma falha moral, de caráter.

Durante os próximos seis capítulos, Welsh irá se dedicar a mostrar como os conceitos de biopolítica foucaultiana e de reprodução da força de trabalho marxista nos apontam caminhos para compreender as relações de diversos fatores e atores em transformar esse imperativo da boa saúde em controle dos corpos – especialmente dos trabalhadores – a partir de moralismo e individualização tanto da culpa quanto da solução para um problema criado por algo para além do indivíduo, além de buscar compreender como o feminismo, por exemplo, responde a essas demandas impostas.

Esse livro apresenta uma imensa complexidade de teoria e debate, que suscitariam imensos debates, mas gostaria de me deter, nesta resenha, no ponto que, para mim – como já havia apontado anteriormente – é o coração do texto, apesar de não ser extensivamente grande no texto de Welsh. No segundo capítulo, Welsh se detém a pensar, desde a fenomenologia crítica, sobre o que é saúde ou, melhor, como percebemos a saúde, o saudável, e é assim que a autora chega na casa; e voltar-se para a casa, aqui, é um movimento de extrema potência.

A autora volta à questão da obesidade buscando compreender como se configura a percepção dessas pessoas com o corpo e o mundo à sua volta, e o que aparece é, justamente, o sentimento de *estar sem-casa* (*homelessness* no original). Welsh traz para essa conversa Merleau-Ponty, Gadamer e Heidegger para pensar o que é este estar em casa, olhando para a corporeidade, e qual sua relação com o que é percebido como saúde.

Quando pensamos que a existência é corporificada e que ela se dá no mundo, vemos que nosso corpo se torna parte do que experienciamos como estar-em-casa, já que desde ele que podemos experienciar o que é casa. Dialogando com um Merleau-Ponty (2014) ainda mais tardio que o trazido pela autora, podemos pensar sobre a carne, dobra do mundo que precede a separação e proporciona o encontro, concomitantemente, entre dentro e fora, sentidos e pensamento, ação e passividade. Minha relação com o mundo se dá, então, nesse vinco entre aquilo que é minha intencionalidade e aquilo que está exterior (e precedente, muitas vezes) a mim, agindo em mim.

No caso dessas pessoas obesas que Welsh traz, há uma desconexão com o habitar. Por conta de uma série de situações estruturais e pessoais, a experiência vivida por elas é percebida como aquela de um alienígena, algo que está tão deslocado de sua existência terrestre que não

poderia ser desse mundo. O desterramento, aqui, retira a casa dessas pessoas, inclusive as retirando de seus próprios corpos. Como bem apontado pela própria Welsh, muitos se enxergam como pessoas magras e socialmente e sexualmente desejáveis, um discurso que eu mesma já escutei diversas vezes: “dentro de uma pessoa gorda há uma pessoa magra”. É preciso que você se livre dessa carcaça alienígena que prende o verdadeiro você dentro dela para que, assim, você possa se reconectar com sua condição de existência nesse mundo, existência terrestre.

O argumento que Welsh nos dá, partindo desse debate, é que ser saudável está ligado à nossa percepção de casa, de sentirmo-nos em casa e capazes de ação. Sentir-se em casa diz sobre conexões com o Outro, com entender-me em minha corporeidade, como parte do mundo e de tudo nele, desde as pedras, vírus e bactérias às pessoas com quem me relaciono. Sentir-se em casa é sentir-se implicado no mundo e percebê-lo também implicado em mim, nessa dobra da carnalidade. Perceber-se saudável, portanto, é perceber-se capaz de estar no mundo, estar em casa, existir.

O argumento final de Welsh volta-se, então, à questão da ética. Como podemos pensar a saúde de forma ética? A autora volta-se para a vulnerabilidade, olhando para nossa condição de seres mortais, mas eu gostaria de terminar abrindo um diálogo também com Judith Butler (2021) que nos diz, no contexto da violência, que a força da não-violência está, justamente na vulnerabilidade, mas, aqui, naquela de sermos seres despossuídos de nós mesmo e entregues ao Outro, seu toque e seu cuidado desde o início. Nessas duas perspectivas, vemos que o estar em casa nos exige a vulnerabilidade, a de entender que não somos sozinhos, a entendermo-nos enquanto despossuídos e, também, a de nos vermos como frágeis mortais. Essa vulnerabilidade existencial é que nos guia eticamente no para-casa. Saúde, sexualidade, gênero. Todas são formas de normatividade violenta que nos tiram de nossa casa e desrespeitam nossas vulnerabilidades.

O livro de Talia Welsh é de extrema relevância e ganharíamos muito com sua tradução para o Brasil. Um livro que nasce situado na pandemia de Covid-19, mas que suscita tantos debates importantes para pensar a contemporaneidade que estaria longe de se prender àquele momento ou, até mesmo (e como pudemos perceber), apenas às discussões sobre saúde.

Referências

- Butler, J. (2021). *A força da não violência: Um vínculo ético-político* (H. R. Candiani, Trad.). Boitempo.
- Merleau-Ponty, M. (2014). *O visível e o invisível* (J. A. Gianotti & A. M. d'Oliveira, Trans.; 4ª ed). Perspectiva.
- Welsh, T. (2022). *Feminist Existentialism, Biopolitics, and Critical Phenomenology in a Time of Bad Health*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781003168676>